

## DO ENSINO DA FILOSOFIA À FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

João Boavida  
Universidade de Coimbra

Permitam-me inverter os dados que nos são propostos nesta sessão. Assim, em vez de ir «*Da filosofia da educação ao ensino da filosofia*», proponho o inverso, ou seja, que se caminhe do ensino da filosofia à filosofia da educação, por me parecer mais capaz de resolver alguns dos problemas que o tema levanta.

Ao tratar do ensino da filosofia, Michel Tozzi (1989, 18) começando por considerar que «é a filosofia que antes de tudo interpela a didáctica no seu fundamento», afirma logo a seguir que «não há didáctica (da filosofia) sem filosofia da educação, pelo menos implícita, por exemplo, sem dimensão axiológica». Não há didáctica da filosofia sem filosofia da educação? Perguntamos nós. É, segunda questão, que filosofia da educação é esta que está pressuposta no ensino da filosofia?

Qual a relação entre a filosofia da educação e o ensino da filosofia? Haverá uma filosofia da educação implícita no ensino da filosofia? Talvez. Mas não seria preferível pensar que é antes o ensino da filosofia que, em certas condições, implica uma filosofia da educação? E que condições são estas?

Em primeiro lugar, para resolver este problema teremos que saber se a didáctica da filosofia é, ou não, um problema filosófico, isto é, se é intrínseca à própria filosofia a sua didáctica. É certo que a filosofia é questionadora, mas implicará essa sua natureza o questionamento do próprio ensino e da própria aprendizagem da filosofia? E deverá a resposta derivar de uma exclusiva indagação filosófica? Note-se que a problematização inerente à filosofia não a estende, necessariamente, à sua comunicação. A filosofia e o ensino da filosofia não são isomorfos, porque a filosofia não precisa de ser ensinada nem aprendida para ser filosofia, e ensina-se e aprende-se, em nome da filosofia, muita coisa que o não é. Ou que até pode sê-lo, mas que muitas vezes o perde ao ser ensinada e aprendida do modo como é. Como se sabe, ensinar filosofia pode significar, e vulgarmente significa, simplificar, «reduzir pedagogicamente», como já li, ou seja, adulterar. Daí a pergunta de Olga Pombo (1990, 23):

deverá o ensino da filosofia «ser pensado como momento secundário (...) de uma investigação particular anterior», «ou, pelo contrário, poderá o ensino da filosofia ser pensado como constitutivo e instituinte da própria filosofia?»

Há aqui, pressuposto na pergunta, e sem talvez nos apercebermos, um paradoxo. A dependência do ensino da filosofia relativamente à filosofia feita e a sua transmissão como «acto segundo» ou «derivado», parecendo livrar a filosofia da «redução» (Pombo, *id. Ibid.*, 9) pedagógica, está a desvitalizar a filosofia. O que impede o seu ensino (e aprendizagem) de ser «constitutivo e instituinte» da mesma filosofia. Para que isto aconteça é necessário que a filosofia e o ensino da filosofia passem a ser sumultâneos e interactivos, isto é, factores do mesmo processo. Só assim será o ensino constitutivo, isto é, filosófico.

A solução para este problema terá que passar pela célebre distinção kantiana entre filosofia *ex datis*, ou conhecimento histórico da filosofia; e filosofia *ex principiis*, ou filosofia propriamente dita. «Os conhecimentos da razão contrapõem-se aos conhecimentos históricos. Aqueles, são conhecimentos a partir de princípios (*ex principiis*); estes, conhecimentos a partir de dados (*ex datis*)» (Barata Moura, 1972, 35-37). Deste modo, um conhecimento produzido pela razão pode ser histórico, desde que o trabalho se reduza a aprender e fixar esse produto da razão. Os conhecimentos que um certo pensamento produziu (a partir de princípios) passam a poder ser aprendidos e transmitidos por outrem, por «uma razão alheia», que, utilizando somente esta operação intelectual, os transforma em dados, em conhecimentos a transmitir. Como sintetizou Carrilho (1982, 24), «qualquer conhecimento pode ser objectivamente um conhecimento racional, sendo subjectivamente simplesmente histórico». É nestas oposições racional/histórico e subjectivo/objectivo que se poderá encontrar a solução deste problema. É na possibilidade de, a partir de um ponto de vista subjectivo, os conhecimentos se apresentarem e serem assimilados, ou racionalmente ou historicamente, que está a distância entre a filosofia e aquilo que passa por sê-lo, mas não é.

A validade da filosofia não tem correspondência necessária no ensino e na aprendizagem da filosofia. Podemos ensinar não filosoficamente uma filosofia válida e, inversamente, levar a aprender, mediante processos filosoficamente válidos, filosofias menores. É sem dúvida na filosofia que assenta a natureza filosófica da sua didáctica. Mas não tanto nos seus produtos como naquilo que os produziu; ou seja, na actividade racional que, não sendo exclusiva da filosofia, é específico dela e nela absolutamente determinante.

O facto de a filosofia só agora começar a sentir (e com muitas reacções) a necessidade de constituir uma didáctica específica (cf., Tozzi, 1989, 1992) prova que a preocupação quanto ao seu ensino não tem sido filosófica. A filosofia tem-se dado bem com a didáctica clássica. Mas o drama é que esta não serve a filosofia que se quer filosoficamente educativa, isto é, educativa na medida em que é filosófica. E não serve porque não corresponde à sua

especificidade nem a respeita, embora continue a servir para educar neste ou naquele "sentido", isto é, com esta ou aquela intenção. Facto filosoficamente perigoso, como se sabe.

É, pois, a didáctica da filosofia um problema filosófico? Sim, mas é preciso sair da filosofia para compreender isto, e mesmo que tenhamos ainda que fazer filosofia para o compreender. Ou seja, é preciso repensar o problema em novos dados. Esta questão, pondo em causa a própria possibilidade do ensino, implica uma mudança qualitativa porque exige uma perspectiva inversa, mais propriamente, a do espírito filosófico que cria condições à própria filosofia.

Já agora, uma pergunta. Por que será que o recente problema da ensinabilidade da filosofia tem causado tanta perturbação? De tal modo que uns continuam a negar a legitimidade do problema, coisa estranha, porque os problemas, em filosofia, não se ignoram, mas discutem-se; enquanto outros concluíram pela não ensinabilidade da filosofia, coisa também de estranhar, uma vez que ela sempre se ensinou e continua a ensinar. Não será revelador da necessidade de entrar com factores não exclusivamente filosóficos para compreender a questão e poder resolvê-la? Ou de outro modo: é impossível resolver esta questão de dentro da perspectiva clássica do ensino da filosofia, porque esta, de facto, pouco tem de filosófico.

Para solucionar o problema é necessário, segundo penso, uma perspectiva ao mesmo tempo filosófica e pedagógica, e na base de uma inter-relação que é, de facto, mutuamente constitutiva mas que habitualmente se esquece. A desvitalização do ensino da filosofia é visível de uma perspectiva simultânea da actividade filosófica, que obriga a uma problematização, e da exigência pedagógica que exige um ponto de partida de facto filosófico e a uma posição central do aluno em todo o processo ensino-aprendizagem. Estes três vectores raramente confluem. É a ausência desta perspectiva que pressupõe a prevalência da filosofia feita e o acto de a ensinar, sobre a actividade do aluno a cultivá-la e a aprendê-la, o que tem retirado à filosofia o seu verdadeiro poder formativo.

Quando se pergunta, pois, se a filosofia contém a sua didáctica, só poderemos responder afirmativamente se a filosofia a ensinar e a aprender for realmente filosófica, isto é, se a filosofia, o seu ensino e a sua aprendizagem se dinamizarem mutuamente. Poderemos dizer, pois, que há uma didáctica para a filosofia, se for alcançada mediante uma via simultaneamente pedagógica e filosófica, na base de grande exigência metodológica, e sem cedências a um didactismo clássico que passa ao lado da questão.

E deste modo voltamos ao problema colocado no princípio, segundo o qual a didáctica da filosofia só teria sentido à luz de uma filosofia da educação, como se fosse a filosofia da educação a determinar a didáctica. O que até é capaz de ser, mas não por razões filosóficas. Vejamos.

A didáctica clássica não contém componentes filosóficas específicas visto que a didáctica clássica utilizada na filosofia é idêntica à utilizada nas outras disciplinas. Como diz Lopéz Quintás (1991, 126), e todos nós o sabemos, «a transmissão do saber filosófico concretiza-se vulgarmente com métodos extrapolados de outras disciplinas». Enquanto tal não pressupõe, portanto, uma filosofia da educação. Ou só a pressupõe na medida em que se entenda a educação como inculcação de conhecimentos, princípios e atitudes, isto é, como condicionamento e doutrinação. A influência da filosofia, exercendo-se na medida em que os sistemas filosóficos ensinados pretendiam formar os jovens segundo certos valores e certas orientações doutrinárias, pressupunha uma filosofia da educação, mas em tudo contrária àquilo que a filosofia devia exigir.

A relação entre a filosofia da educação e a didáctica da filosofia, ou o pressuposto de uma filosofia da educação no ensino-aprendizagem da filosofia, exige um ensino que torne indispensável a filosofia. Não tanto como finalidade mas como ponto de partida ou método, e não tanto enquanto produto constituído, mas enquanto processo que se constitui. O que se pretende com esta inversão? Que a educação assim praticada pressuponha - por essa prática efectiva - uma concepção filosófica ao nível da própria metodologia. Ou seja, a metodologia utilizada implicará consequências teóricas e práticas que impõem uma concepção do que a educação deve ser, e à qual poderemos, com legitimidade, chamar filosofia da educação. A filosofia assim ensinada e aprendida implica uma ideia de educação em que esta funciona em consonância com as próprias exigências filosóficas. Educar será, então, perspectivar criticamente, reestruturar, criar hábitos de análise e de síntese. Poderemos, assim, falar em filosofia da educação que seja, do ensino-aprendizagem da filosofia, seu pressuposto e sua consequência. No sentido que Fullat lhe dá quando diz (1990, 433) que é um «saber globalizador compreensivo e crítico dos processos educativos, que facilita pressupostos antropológicos, epistemológicos e axiológicos». Na realidade, um ensino e uma aprendizagem da filosofia nestes termos, como considera o mesmo autor noutra obra (3, 1983, 72), «indica o sentido geral do processo educativo» e, portanto, na medida em que dá a entender o que a educação é, não só a integra num processo teleológico, como «revelando a estrutura educanda do homem», a concebe em função de uma educabilidade que é, para San Cristobal Sebastian (1965, 30) a verdadeira filosofia da educação, já que esta consiste no «conhecimento filosófico da educabilidade». Não é que, como se referiu já, a didáctica clássica não pressuponha, implicitamente, uma filosofia da educação. Mas ela não a pressupõe por estar em causa a filosofia e aquilo que a caracteriza, mas na medida em que se serve da filosofia, como de qualquer outra matéria, para educar no sentido de formar ou enformar, isto é, submeter a uma forma prévia. Não é este tipo de formação que a filosofia merece e exige. Não é uma filosofia da educação destas a que resulta de uma didáctica da filosofia que seja dela um reflexo; mas será o resultado de uma didáctica aplicada à transmissão de teorias e sistemas filosóficos com intenções formativas, segundo uma dada orientação ideológica. Pelo contrário, uma didáctica exigida pela natureza específica da actividade filosófica implicará uma filosofia da educação

no próprio acto de ensinar e de aprender, e por exigência imposta por essas mesmas características particulares da filosofia. Esta, em si mesma, e valorizada e respeitada em termos didácticos a sua especificidade, implica uma concepção educativa, isto é, uma filosofia da educação que seja dela um reflexo e uma revalorização. Nestas circunstâncias, ganhando a didáctica da filosofia uma efectiva dimensão filosófica, poderemos então falar em filosofia da educação. Curiosamente corresponderá, em linhas gerais, às modernas concepções educativas, e ao que se entende que a educação deve ser, pelas condições que tem, para poder transformar os alunos naquilo que poderão e deverão vir a ser.

Poderemos, pois, tirar uma conclusão que permitirá compreender a questão da didáctica da filosofia, da sua relação com a filosofia da educação, e ainda desta abordagem do problema. Note-se que, aparentemente, são áreas muito afastadas, mas, de facto, mais relacionadas do que parece, quer se tenha consciência disso, quer não.

Tentarei sintetizar do seguinte modo: ensinar um dado sistema filosófico, ou alguns filósofos segundo o modelo tradicional, traduz uma intenção formativa, e pressupõe, portanto, uma filosofia da educação; mas esta maneira de entender a educação nega a própria filosofia no seu potencial educativo. Pretendo, pois, dizer que a filosofia, só por si, sem uma reconversão pedagógica, não exige uma filosofia da educação coerente com ela. Só uma didáctica da filosofia que vá ao encontro da filosofia enquanto actividade poderá constituir, com ela, uma relação coerente tal que o pressuposto, em termos de teoria educativa, corresponde ao que a filosofia exige a quem a pratica. Acrescentemos que ambas as filosofias da educação serão legítimas. Mas será legítimo também perguntar qual delas corresponde melhor à natureza da filosofia. Ou seja: qual das duas didácticas mais se aproxima da filosofia? Qual das concepções educativas terá mais condições para ser formativa no tempo vertiginoso em que vivemos e com os seres vocacionalmente racionais que pretendemos educar?

## Bibliografia

- Barata-Moura, J. (1972). *Kant e o conceito de filosofia*, Lisboa, Sampedro.
- Boavida, J. (1991). *Filosofia - do ser e do ensinar*, Coimbra, INIC.
- Boavida, J. (1993). *Pedagogia-Filosofia / Filosofia-Pedagogia*, ou os braços reencontrados da Venus de Milo. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXVII, 3, 349-385.
- Carrilho, M. M. (1982). *O saber e o método*, Lisboa, I.N.C.M.
- Fullat, O. (1983). *Filosofías de la educación*, Barcelona, CEAC.
- Fullat, O. (1990). Estatuto epistemológico de la filosofía de la educación, in, *Alterejos-Masota, et. al., Filosofía de la educación hoy*, Madrid, Dykinson, 423-448.

Kant, E.(1988). Informação acerca da orientação dos cursos no semestre de Inverno de 1765-1766, *Filosofia*, II, 1,2,173-176.

López-Quintás, A. (1991). Experiencia creadora y enseñanza filosófica, in E. Forment *et al.* (1991) *Enseñanza de la filosofía en la educación secundaria*, Madrid, Ediciones Rialp, S. A., 125-176.

Pombo, O. (1990). O dilema do ensino da filosofia, in. I. Marnoto, *Didáctica da filosofia II*, Lisboa, Universidade Aberta, 9-30.

Sebastian, S. Cristobal. (1965). *Filosofía de la educación*, Madrid, Ediciones Rialp.

Tozzi, M. (1989). Vers une didactique de la philosophie, *Cahiers pédagogiques*, 270, 18-19.

Tozzi, M. (1992). *Apprendre à philosopher dans les lycées d'aujourd'hui*, Paris, Hachette.